

Apresentação – parte V

Propomos fazer uma breve apresentação, complementando do vídeo do Riazanov, para melhor contextualizar as leituras que serão feitas pelos grupos, e dar um panorama das principais tendências políticas e ideologias que se apresentam ou se reforçam a partir da queda dos Estados do Leste.

Não há nenhum slide especificamente sobre o estalinismo, mas é importante situar que apesar do enorme golpe sofrido por este aparato contra revolucionário internacional, o estalinismo segue existindo, como direção política de Estados capitalistas, como a China, compondo governos burgueses com outros partidos reformistas, e onde não está no poder cada vez mais se adapta ao reformismo.

Além disso, não podemos esquecer as deturpações do marxismo feitas pelo estalinismo, e o seu papel contrarrevolucionário em relação aos setores oprimidos, que pode ser exemplificado nos recuos na legislação em relação às mulheres na ex-URSS, perseguição aos LGBTs, especialmente em Cuba, denominando os comportamentos não heterossexuais como desvios pequeno-burgueses, a postura do PC no Brasil, de invisibilizar a questão racial. Hoje as organizações que vieram do estalinismo se colocam na disputa das lutas e organização dos setores oprimidos; isso se dá nos marcos de políticas reformistas, e até de capitulação à pós-modernidade. Mas isso não nos deve fazer esquecer o que é sua raiz, e as consequências que isso teve para as organizações revolucionárias, de diminuir a importância da luta contra as opressões, e de dar eco à falsa ideia de que “o marxismo não responde” a estas questões.

Slides 2 e 3: Situar que após a queda dos Estados do Leste o Imperialismo realizou uma ofensiva ideológica de afirmação do capitalismo e de fracasso do socialismo, e que a maioria da esquerda cedeu a essa visão, de uma maneira mais tímida ou mais escancarada.

Do ponto de vista dos intelectuais da burguesia se destacou **Francis Fukuyama**, filósofo e economista político estadunidense. Em 1989 escreveu um artigo intitulado “*O Fim da História*”, que dá base ao livro “*O Fim da História e o Último Homem*”, em 1992. A teoria sustenta que chegariam ao fim os processos históricos caracterizados por mudanças. A queda do muro de Berlim significa para Fukuyama o “coroamento da democracia ocidental e do capitalismo”.

Slide 4: Parte dos intelectuais que reivindicavam o marxismo passaram a negá-lo, sustentando que não servia mais como ferramenta teórica para explicar os novos fenômenos políticos e sociais. Ernesto Laclau e Chantal Mouffe são parte desse processo. Os autores de “*Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical*” são referência teórica para os Kishner, Syriza e Podemos.

Slide 5: No Brasil, o PT aprofundou seu caráter reformista após a queda do muro de Berlim, assumindo o “programa democrático popular” e a tese da “democracia como valor universal”, negando a ditadura do proletariado e embasando uma estratégia reformista. Carlos Nelson Coutinho trouxe para o Brasil essa tese, inspirado pelo fenômeno do Eurocomunismo, com o qual teve contato em seu exílio na Itália.

“se hoje se generaliza entre os marxistas ocidentais a rejeição do “modelo soviético” como modelo universal de socialismo, isso resulta em grande parte de uma diversa concepção do vínculo socialismo-democracia por parte desses marxistas. Concepção que Enrico

Berlinguer sintetizou expressivamente no discurso que pronunciou em Moscou, em 1977, por ocasião do 60º aniversário da Revolução de Outubro:

‘A democracia é hoje não apenas o terreno no qual o adversário de classe é obrigado a retroceder, mas é também o valor historicamente universal sobre o qual fundar uma original sociedade socialista’.

Na década de 1970, os PCs da Itália, Espanha e França assumem uma postura de afastamento em relação à burocracia estalinista da URSS, mas não para reivindicar a ditadura do proletariado e o regime de democracia operária. Se aproximam da social democracia e aprofundam uma política de disputa de cargos no parlamento.

Em 1976 ocorreu uma conferência em Madri, que deu origem ao pacto com o Partido Comunista Francês, o Partido Comunista Espanhol e os partidos comunistas menores, britânico e grego, pelo qual Berlinguer lança uma mensagem clara à burguesia italiana, demonstrando estar disposto a ter maior autonomia nos confrontos com a URSS. Inicia assim o longo percurso para tornar a burocracia stalinista italiana mais independente da burocracia stalinista russa e o PCI mais “confiável” (isto é, subalterno) à burguesia italiana, até a conclusão lógica daquele processo em paralelo com o colapso do stalinismo: a transformação do PCI em PDS, depois em DS e enfim em PD (Partido Democrático), em um corte progressivo não apenas da simbologia mas das próprias raízes de classe (ainda que deformadas) do partido. Um percurso que foi concluído com a plena conversão do velho partido operário-burguês em um partido completamente burguês e liberal.¹

Slide 6: Democracia como valor universal e disputa de hegemonia

Carlos Nelson Coutinho foi militante do PCB. Nos anos 1970 exilou-se em Bolonha (Itália), onde recebeu forte influência do PCI, e posteriormente na França. Em 1979 escreveu o ensaio “*A Democracia Como Valor Universal*”.

Nos anos 80 passou a fazer parte do PT e saiu dele para a formação do PSOL.

Teve papel destacado na edição e divulgação das obras de Antônio Gramsci no Brasil, que foi uma de suas principais referências teóricas.

O objetivo do slide não é entrar em polêmicas ou uma discussão aprofundada sobre Gramsci, mas mencionar que os teóricos do Eurocomunismo reivindicaram Gramsci como referência. A obra de Gramsci dá margem a polêmicas e diferentes interpretações, especialmente pelas condições em que foi escrita: no cárcere e sob censura.²

Colocamos aqui um trecho do texto “*Ensaio sobre Democracia e Socialismo*” em que Carlos Nelson Coutinho realiza uma determinada leitura de Gramsci, que embasa a sua estratégia de “disputa de Hegemonia.”

“Nos primeiros regimes liberais, de participação restrita, o Estado aparecia praticamente como o único ator político coletivo. Com a socialização da política, essa situação se altera: surge uma complexa rede de organizações coletivas, de sujeitos políticos de novo tipo, com um papel mais ou menos decisivo na correlação de forças que determina os equilíbrios de poder. Com isso, a esfera da política se amplia para além do âmbito do Estado

¹ Retirado do site da LIT

² Uma referência importante para o debate sobre a obra de Gramsci é o livro “*Antinomias de Antonio Gramsci*”, de Perry Anderson.

em sentido estrito, ou seja, das burocracias ligadas aos aparelhos executivos e repressivos. Ao lado do Estado-coerção, surge o que Gramsci chamou de “sociedade civil”, formada pelo conjunto plural dos sujeitos políticos coletivos (...). Com o ingresso na esfera pública de múltiplos interesses organizados, a obtenção do consenso – da hegemonia resultante da busca de legitimação – tornou-se recurso decisivo da política. Se Gramsci “ampliou” a teoria do Estado que herdara de Marx, nele incluindo a esfera da hegemonia e do consenso, fez isso precisamente para dar conta dos novos fenômenos que a socialização da política – ou seja, o processo de democratização – introduzira na vida social. Para Gramsci, como se sabe, essa “ampliação” do Estado caracteriza as sociedades de tipo “ocidental”, em contraste com as de tipo “oriental”, nas quais continuaria a haver um Estado “restrito”, com clara predominância da coerção como recurso político, o que resulta da debilidade nessas últimas da “sociedade civil” (ou, o que é o mesmo, de uma escassa socialização da política). [nota 9]

Cabe aqui um parêntese: já podemos afirmar que a sociedade brasileira, depois de um longo tempo de “orientalidade”, é hoje uma sociedade “ocidental” e, portanto, possui um Estado “ampliado”. Isso foi reconhecido na resolução aprovada pelo mencionado V Encontro do PT, na qual se pode ler: *“É preciso levar em conta que a sociedade brasileira já foi capaz de desenvolver razoavelmente algumas organizações da sociedade civil, que jogam determinado peso na determinação das políticas do Estado. E que o Estado brasileiro, embora tenha se reforçado muito (...), não tem condições de se fechar completamente à participação das classes subalternas em seu interior. Para conseguir consenso e legitimidade para esse Estado, a burguesia é obrigada a abrir pelo menos formalmente o Estado à disputa das diversas classes”*. Essa afirmação é plena de consequências (...) para uma estratégia de luta pelo socialismo: como veremos adiante, se o Estado; ao se “ampliar”, deixou de ser o instrumento exclusivo de uma classe para se converter na arena privilegiada da luta de classes (que agora se trava também em seu interior), isso impõe a necessidade de um novo conceito de revolução.”

Slide 7 - SU: do revisionismo ao reformismo

Nahuel Moreno caracterizava o SU, dirigido por Mandel, como uma corrente revisionista, por seus desvios, ziguezagues e capitulações às direções pequeno-burguesas, nacionalistas e burocráticas que supostamente cumpriam ou poderiam cumprir um papel revolucionário.

A queda do Leste Europeu foi um marco em uma trajetória do revisionismo ao reformismo. O SU caracterizou este processo como uma “profunda derrota do movimento de massas, que abriu uma crise no projeto socialista. Essa premissa e as conclusões dela derivadas levaram o SU a uma adaptação completa aos novos aparatos eleitorais surgidos da crise dos PCs e da socialdemocracia clássica, como o ZYRIZA (Grécia) e PODEMOS (Espanha).”³

Na França, o SU dissolveu a LCR no NPA.

No Brasil, Insurgência, Subverta e Comuna (rachas da Insurgência) são seções do SU. Outros setores do PSOL são observadores, como o MÊS, Resistência e Reage. A DS (PT), antiga seção, rompeu em 2005.

Slide 8: O Castro-Chavismo: O Socialismo do Século XXI

³ José Welmowicki; *“A decadência do antigo Secretariado Unificado a partir de sua visão sobre os processos do Leste”* – Marxismo Vivo 8

Grande parte da esquerda capitulou ao Castro-Chavismo e aos demais governos reformistas ou nacionalistas burgueses da América Latina. O estalinismo no século XXI além de capitular ao castro chavismo também capitulou às ditaduras do Oriente Médio, como o governo Assad.

Slides 9: Como o vídeo ilustra, no início do século XXI grande parte da vanguarda foi atraída para espaços como o Fórum Social Mundial, que reúnem os movimentos sociais, populares, partidos e ONGs, em uma perspectiva de que “um outro mundo é possível”, sem a perspectiva da revolução socialista e tomada do poder.

Slide 10: Em diversos levantes ocorridos pós-queda do Leste também estão presentes fenômenos como o apartidarismo, o horizontalismo e ações individuais radicalizadas, ou de pequenos grupos.

Slides 11 e 12: Nos últimos anos temos visto um ascenso de lutas dos setores oprimidos. Nesse campo se colocam diversas tendências: reformistas e pós-modernas. A burguesia também tem política para cooptar as direções através das ONGs e aparatos institucionais e neutralizar o potencial explosivo dos oprimidos da nossa classe, propagandeando as saídas individuais, como o empreendedorismo.

A burguesia também lucra com os nichos de mercado para produtos de “beleza negra” e serviços e produtos voltados às LGBTs; o “pink Money”.

Sobre as LGBTs, as teorias pós-modernas constroem uma visão de fragmentação das identidades e de uma luta centrada no campo simbólico e da linguagem, indo contra uma perspectiva de unidade de classe na luta contra a opressão e a exploração capitalista.

Slide 13: O Neoreformismo – chamamos assim aos partidos surgidos na Europa a partir do desgaste dos partidos comunistas e dos partidos clássicos do reformismo, como Podemos (Estado Espanhol), Syriza (Grécia) Bloco de Esquerda (Portugal), Frente Amplo (Chile), dentre outros. Estes partidos apresentam um programa reformista, baseado em ideias como a “cidadania”, “democracia”, “direitos humanos”, e uma estratégia de conciliação de classes e eleitoral.

Essa parte pode também ser ilustrada com exemplos conjunturais da atuação desses partidos na luta de classes.

Slides 14, 15 e 16: Aqui a ideia é relacionar esse debate com o Brasil.